

Faculdade Ciências da Vida - FCV

A MATERNAGEM CONTEMPORÂNEA: UM OLHAR LOGOTEPAPÊUTICO A PARTIR DE *BLOGS* DE MATERNIDADE BRASILEIROS

Gabryele Costa Ribeiro*

Samuel Rodrigues Fazendeiro**

RESUMO

A maternagem é um período complexo, que carece de ser compreendido a partir de elementos singularmente relevantes a cada mãe, que na contemporaneidade compartilha suas experiências *online*, em *blogs* de maternidade. A partir da teoria da Logoterapia é possível reconhecer o sentido daquilo que acontece na vida, ainda que sendo diante de dificuldades. Buscou-se compreender como os comentários feitos em *blogs* de maternidade brasileiros, sobre a maternagem contemporânea, se relacionam à busca de sentido. Os objetivos deste artigo foram elucidar sobre a busca de sentido, a partir da Logoterapia; identificar comentários feitos em *blogs* de maternidade brasileiros sobre a maternagem contemporânea e por fim, relacionar os comentários sobre a maternagem contemporânea à busca de sentido. A partir da análise documental, comentários foram selecionados em sete *blogs* de maternidade brasileiros ativos no ano de 2020. Realizou-se análise do discurso apoiada na teoria de Viktor Frankl sobre a Logoterapia, a partir do método fenomenológico e a metodologia utilizada nessa pesquisa teve abordagem qualitativa e pode ser classificada como exploratória. Esta pesquisa apontou diversos aspectos conflituosos sobre a maternagem, identificados em falas carregadas de afetos socialmente mantidos e fomentados sobre o ser mãe. Através dos conceitos desenvolvidos na Logoterapia, foi possível identificar que a maternidade é um momento oportuno para que a mulher elabore novas percepções sobre o que a impulsiona, tendo o espaço virtual como uma nova maneira de se relacionar na contemporaneidade.

Palavras-chave: Maternagem contemporânea. Logoterapia. *Blogs* de maternidade.

ABSTRACT

Maternity is a complex period, which needs to be understood based on elements that are uniquely relevant to each mother, who nowadays shares her experiences online, on maternity blogs. Based on the Logotherapy theory, it is possible to recognize the meaning of what happens in life, even when facing difficulties. We sought to understand how the comments made on Brazilian maternity blogs, about contemporary maternity, are related to the search for meaning. The objectives of this article were elucidated about the search for meaning, based on Logotherapy to identify comments made in Brazilian maternity blogs about contemporary motherhood and, finally, to relate the comments about contemporary motherhood to the search for meaning. From the documentary analysis, comments were selected on seven Brazilian maternity blogs active in 2020. A discourse analysis based on Viktor Frankl's theory about Logotherapy was carried out, based on the phenomenological method and the methodology used in this research had a qualitative approach and can be classified as exploratory. This research pointed out several conflicting aspects about motherhood, identified in speeches loaded with socially beautiful affects and fostered about being a mother. Through the concepts developed in Logotherapy, it was possible to identify that motherhood is an opportune moment for a woman to develop new perceptions about what drives her, having virtual space as a new way of relating in contemporary times.

Keywords: Contemporary maternity. Logotherapy. Pregnancy blogs.

1 INTRODUÇÃO

* Graduada em Psicologia pela Faculdade Ciências da vida – FCV, Sete Lagoas/MG. E-mail: rcgabryele@gmail.com

** Orientador. Psicólogo. Mestre em Psicologia pela PUC Minas. Professor da Faculdade Ciências da vida – FCV, Sete Lagoas/MG. E-mail: samuel.fazendeiro@yahoo.com.br

Na contemporaneidade a comunicação virtual é uma realidade posta e *blogs* de maternidade ganham espaço em uma comunidade que tem muito a construir, das mães. As conversas elaboradas nesse espaço virtual, impactam de maneiras diferentes na vida das participantes, que trazem consigo o discurso que familiares, amigos e a sociedade próxima a ela cultivaram sobre o ser mãe. Nesses espaços, há a possibilidade de se elaborar os sentimentos maternos conflitivos e novas percepções sobre as práticas da maternagem são desenvolvidas com a interação entre as mães, que colaboram para o processo de reconhecimento das motivações, para que encontrem sentido naquilo que fazem ao longo do processo de cuidado do filho (PESCE e LOPES, 2020; SCHWARZ e PRETTO, 2018).

Ter a liberdade de decidir como se comportar frente ao que a cultura em que se vive estabelece como o ideal, é uma possibilidade e reconhecer o sentido daquilo que acontece na vida, é uma busca constante ao longo de nossa existência, segundo a Logoterapia. A maternagem enquanto período amplamente complexo, carece de ser compreendida a partir de elementos singularmente relevantes a cada mãe, o que pode ressignificar essa experiência, tornando-a menos conflituosa (SANTOS, 2016; FRANKL, 2019).

Esta pesquisa é importante por produzir conhecimento que visa a reflexão sobre condutas culturalmente mantidas, em desacordo com a realidade da sociedade em que elas acontecem, pois reflete em todos os seus componentes, sendo elementos comumente aparecem na clínica psicológica. A relevância acadêmica desta pesquisa é alcançada quando se propõem revisar estudos já reconhecidos e relacioná-los a situações problemáticas observadas na maternagem ao longo da história, que ecoam na contemporaneidade. A partir dessa discussão teórica, pode-se chegar a meios práticos para que mudanças efetivas aconteçam, em relação à concepção da mulher na sociedade, sendo benéfico a todos, inclusive às mães, papel que nunca deixará de existir. Justifica-se também por promover novas elaborações acerca dos elementos em torno do imaginário sobre o ideal de mulher-mãe, identificando o espaço virtual como o meio em que tais produções são atualmente construídas (FONSECA, ROCHA, CHERER e CHATELARD, 2018; VISINTIN e AIELLO-VAISBERG, 2017). Com isso, pretende-se responder a seguinte questão norteadora: como os comentários feitos em *blogs* de maternidade brasileiros, sobre a maternagem contemporânea, se relacionam à busca de sentido?

Acredita-se que o compartilhamento de experiências e ideias em *blogs* favoreça uma elaboração mais consistente com a realidade, uma vez que há naquele espaço, mulheres que vivem situações semelhantes e com isso, propicia e enriquece o processo de conquistar sentido, ainda que uma máquina seja mediadora dessa relação (PASSOS e ARTEIRO, 2019; VISINTIN e AIELLO-VAISBERG, 2017). Então, faz-se pertinente esta pesquisa que utilizou material

disponível *online* e teve como objetivo geral: compreender a relação de sentido e a maternagem contemporânea, a partir de comentários feitos em *blogs* de maternidade brasileiros. De forma a atingir tal objetivo, especificamente pretendeu-se elucidar sobre a busca de sentido, a partir da Logoterapia; identificar comentários feitos em *blogs* de maternidade brasileiros sobre a maternagem contemporânea e por fim, relacionar os comentários sobre a maternagem contemporânea à busca de sentido.

Para isso, sete *blogs* de maternidade brasileiros foram selecionados a partir de critérios como estar ativo no ano de 2020 e ter postagens com comentários relacionados à maternagem. Para isso, fez-se a análise documental para a seleção dos comentários analisados, em virtude desta pesquisa consistir na exploração de conteúdo virtual, elaborado por comunidades mantidas no espaço *online* que compartilham suas realidades e se vinculam a partir de semelhanças entre si (GIL, 2002). Em seguida fez-se a análise do discurso, fundamentada nas ideias da Logoterapia de Viktor Frankl (2019). Esta é uma pesquisa de natureza exploratória, do tipo qualitativo e foi realizada a partir do método fenomenológico (GIL, 2002).

Como resultados, foi possível identificar falas carregadas de afetos socialmente mantidos e fomentados em relação à função da mãe no cuidado do filho. Sentimentos como culpa, tristeza, cansaço, solidão e desespero foram atribuídos à maternagem pelas mães que também falam sobre sentir-se acolhidas, gratas, ajudadas, aliviadas e esperançosas após se identificarem com o *post* feito no *blog*. Conceitos da Logoterapia nos auxiliam na compreensão de que a liberdade de vontade possibilita que cada mãe tenha uma atitude própria em sua experiência e com isso, entende-se que os *blogs* de maternidade são um meio atual e eficaz para que novos sentidos sejam elaborados para a maternagem, a partir da interação entre as mães contemporâneas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A MATERNAGEM ENQUANTO CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

A ideia de que a maternagem é uma atribuição unicamente feminina faz parte do processo de construção do imaginário de modelo familiar que há séculos promove o legado patriarcal, no qual as decisões do homem predominam, é ele quem determina questões morais e regras da família, enquanto à mulher, resta o zelo pela família. Pensamento ainda cultivado em nossa cultura (SCHNEIDER, 2018; BOCCHI, 2017; RESENDE, 2017).

O cuidado amoroso aos filhos chegou a ser algo considerado no fim do século XIX, mas praticado apenas para que a sociedade testemunhasse. Na verdade, eram as mães que

desenvolviam a maternagem às crianças das famílias burguesas e ainda assim, o amor natural começou a ser entendido como característico do “ser mãe”, conforme Lanzetta e Bittencourt (2016). Nesse período, o entendimento sobre a maternidade era de uma função feminina e para toda mulher, algo instintivo, como um dever para com a sociedade e até mesmo relacionada à devoção religiosa, o filho como “benção de Deus” e a ele direcionada toda a garantia de felicidade e plenitude a partir da daquela experiência (MACHADO, PENNA e CELEIRO, 2019; MIRANDA, SILVA e SHITSUKA, 2019; LAUXEN e QUADRADO, 2018; RESENDE, 2017).

Ainda no século XIX, surge na Europa um grupo de mulheres que reivindicava maior participação feminina na sociedade, dando início à primeira onda do movimento conhecido como feminista. No século XX, com a segunda onda dos movimentos feministas, questionamentos sobre o modo de se pensar a função da mulher na família enquanto a detentora de completa responsabilidade pelo cuidado dos filhos e a maneira com a qual a maternidade era tratada até então, começaram a fazer parte da pauta desse movimento que surgiu da necessidade se de buscar igualdade social, política e econômica dos gêneros, exaltando temas pertinentes à discrepante consideração dada às mulheres, em relação aos homens (MACHADO, SILVA, MELO e SILVA, 2020; SCHULTE, GALLO-BELLUZZO e AIELLO-VAISBERG, 2019).

Nesse período, métodos contraceptivos começaram a fazer parte da realidade feminina, inaugurando a “era da maternidade escolhida”, e o uso das mamadeiras a partir dos anos 70, possibilitou que a mulher se ausentasse por longos períodos para trabalhar fora de casa, construindo assim, novo espaço para realização do papel social da mulher e marca a histórica como uma nova maneira de se exercer a maternagem, já que tem recursos ao alcance da mulher, para que ela se desenvolva e concretize desejos para além da maternagem (SILVA, PEREIRA, ANTUNES, SILVA e CASTELARI, 2019; FONSECA, 2017; RESENDE, 2017).

Já em 1980, a terceira onda do movimento feminista propôs uma revisão dos modelos de maternidade até então conhecidos, evidenciando a existência da possibilidade de escolha do modo pelo qual a mulher deseja vivenciar esse momento. Nessa fase é possível perceber discursos sobre a dedicação exclusiva à maternagem e outros em que as mulheres se negam às tecnologias voltadas a esse período (SCHULTE *et al.*, 2019). Essa postura mais naturalista é defendida atualmente, em que uma quarta onda do movimento feminista se inicia e o protagonismo materno é evidenciado principalmente em relação ao parto sem interferências externas e à amamentação, como etapas instintivas às mulheres, discurso ainda muito discutido (MACHADO *et al.*, 2020; OLIVEIRA e MARQUES, 2020).

Fonseca (2017) fala sobre a maternagem enquanto a capacidade de se desenvolver práticas de zelo e responsabilidade por uma criança, sendo assim, é possível de serem aplicadas por qualquer um, não apenas a mulher, como culturalmente posto (MIRANDA *et al.*, 2019; VISINTIN e AIELLO-VAISBERG, 2017). A mulher contemporânea busca cada vez mais aplicar à sua realidade seu modo particular de exercer a maternagem a partir de suas prioridades, de suas crenças, no seu tempo e diante das suas limitações, compreende que o modo se viver atualmente requer reformulações do arcaico conceito da mulher frente à tal tarefa, que ela possivelmente foi “treinada” ao longo de sua vida, já que desde a infância as mulheres são incentivadas com brinquedos e brincadeiras relacionados às tarefas domésticas e maternas (MACHADO *et al.*, 2019; QUINTEIRO, 2019; FONSECA *et al.*, 2018).

Contestar o estereótipo de completude a partir da maternidade e escolher não passar por essa experiência; refletir sobre a possibilidade de odiar as práticas advindas da maternagem, mas amar o filho; falar sobre o amor materno como um sentimento construído ao longo da relação mãe-filho, não algo inato. Enfim, discutir sobre os pensamentos conflitivos do ser mãe, é uma possibilidade e uma necessidade atual, tal comportamento é indício característico que a era tecnológica trouxe à nossa realidade e cada vez mais ganha importância devido às contribuições que as relações mantidas na sociedade virtual trazem à vivência materna e outros âmbitos da vida (ESTRELA, MACHADO e CASTRO, 2018; FONSECA, 2017; COLARES e MARTINS, 2016).

2.2 BLOGS DE MATERNIDADE: UM RECURSO CONTEMPORÂNEO

Como já dito, a visão sobre o ser mãe é alterada com o passar do tempo e passa pelo campo da linguagem, segundo Resende (2017). A reflexão sobre esse processo é algo fundamental e para muitas, deixa de ser assunto discutido apenas com as mulheres experientes da família e vai para além, já que na contemporaneidade a tecnologia está completamente presente em nossas vidas, as mães usam o espaço virtual como um meio de se expressar e até mesmo criar vínculos sólidos, ainda que tenham valores e/ou concepções diferentes, têm o mesmo interesse sobre o que conversar – a maternagem (FRIZZO, BOUSSO, ICHIKAWA e SÁ, 2017; VISINTIN e AIELLO-VAISBERG, 2017; LIMA e VICENTE, 2016).

Nesse processo, os *blogs* de maternidade ganham notoriedade e funcionam como um novo recurso para o compartilhamento de ideias, devido à simplicidade de acesso ao *site* e manejo para postagem de seu comentário. No *blog*, o autor da página virtual publica textos biográficos sobre seu modo de viver a maternidade, com dicas ou mesmo levanta questões pertinentes ao assunto e os deixa em modo público para que outras pessoas tenham acesso à

postagem, comentem e possam interagir através de comentários abaixo da postagem (BOCCHI, 2017).

Ainda que algumas consigam se encontrar no processo do cuidar, para muitas outras, a adaptação materna exige um longo período de elaboração que pode ser de vivido a partir de sentimentos de dor, culpa, medo, solidão e sofrimento (PESCE e LOPES, 2020; BRAGA, MIRANDA e CORREIO, 2018). Bocchi (2017) considera a linguagem como o meio de expressar a “revolta contemporânea”, no *blog*, a mulher moderna ganha um espaço para discutir assuntos que são considerados dogmas e em outros grupos sociais não se sentiria confortável para falar, uma vez que a comunicação virtual garante anonimato, se assim a pessoa desejar (MIRANDA *et al.*, 2019).

Pesce e Lopes (2020) destacam a importância do espaço virtual dos *blogs* para a elaboração de novos sentidos para a maternagem, já que é possível interagir e iniciar reflexões para além do campo virtual. Sendo assim, os *blogs* de maternidade são um ambiente valioso e sua dinâmica de funcionamento permite a interação virtual a partir do diálogo entre as mães e pode haver significativa assistência emocional em momentos desafiadores para aquelas que apresentem conflitos semelhantes, relacionados ao processo da maternagem.

2.3 A BUSCA DE SENTIDO NA MATERNAGEM

Encontrar o sentido naquilo que se faz é essencial para manter-se motivado no processo, assim, a maneira com a qual o sujeito encara a situação é decisiva para compreender suas repercussões ao longo da vida. Na maternagem não seria diferente, já que a ideia contemporânea supõe que a mulher deve se realizar com a maternagem e, caso aconteça o oposto, ela é censurada, o que contribui para a sobrecarga emocional decorrente de múltiplas adaptações que esse fenômeno único e exige. Reconhecer esse momento como uma construção que é particular e dar-lhe significado, possibilita à mulher menor carga de culpa, cobrança e desgaste psíquico, já que para a Logoterapia quando se encontra um sentido para o sofrimento, ele deixa de existir (LIMA, FIRMINO, PEREIRA e LEMOS, 2020; ARTEIRO, 2017; FRANKL, 2019).

A Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, denominada Logoterapia, trata da busca de sentido e foi desenvolvida pelo neuropsiquiatra Viktor E. Frankl, que relatou a própria experiência de significação do período que passou preso em campos de concentração nazista, durante a 2ª Guerra Mundial (LIMA *et al.*, 2020). Em seu livro “Em busca de sentido” (1984), Frankl fala que a partir do valor que se dá aquilo que se cria/desenvolve, à atitude diante do inexorável e a aquilo que experimentamos chega-se ao sentido da vida.

O autor caracteriza os momentos de tensão como uma dimensão noética, julgando-a enquanto uma sensação necessariamente propulsora do ser humano. Pode-se considerar assim, que certa carga de tensão no processo da maternagem é valiosa para que a mulher consiga desenvolvê-la e vai de encontro também às ideias de autotranscendência e um dos pilares conceituais da Logoterapia, a “vontade de sentido”, uma vez que a mulher se volta para alguém além dela mesma, ao menos por algum tempo, e pode encontrar sentido para continuar fazendo aquilo, através da construção de uma relação amorosa com o filho, ainda que a maternagem desperte sentimentos paradoxais, servir a quem se ama pode ser motivação para que a mulher continue a fazê-lo (SCHULTE, GALLO-BELLUZZO e AIELLO-VAISBERG, 2019, FRANKL, 2019).

Feijoo (2013) fala sobre a “era da técnica”, época atual, em que a mecanização dos comportamentos humanos é realidade e a falta reflexão e autenticidade em nosso agir nos limita. Mas quando a consciência de sermos seres de possibilidades e mutáveis vem à tona, o sentimento de insegurança nos preenche. A autora ainda diz sobre momentos de questionamentos interiores, aqui referindo-se à mulher diante das demandas da maternagem, que compartilha suas indagações em espaços virtuais e constroem novos enredos, serem fundamentais para que surjam novas perspectivas a partir das determinações historicamente postas (ZANATTA, PEREIRA e ALVES, 2017).

Com isso a mulher atual pode passar a ser responsável por desenvolver seu próprio modo de cuidar, algo que faz sentido a quem importa – ela mesma, independentemente daquilo que ela aprendeu ao longo da vida, fazendo assim, referência a outro pilar logoterapêutico, a “liberdade de vontade” (LIMA *et al.*, 2020; SANTOS, 2016). A possibilidade de não reproduzirmos aquilo que é apresentado, é a manifestação da “liberdade de vontade”, já que cada um é livre para decidir como reagir ao que acontece consigo, tem “vontades”, e para além, a efetivação do autodistanciamento no processo da maternagem é fundamental para que a mulher se perceba enquanto um ser em construção, que pode se reinventar a todo momento e também a partir da significação de acontecimentos perturbadores (SANTOS, 2016; FRANKL, 2019).

A instabilidade de sentido, vai de encontro ao último pilar da escola frankliana aqui abordado, o “sentido da vida” que muda ao longo da vida ou mesmo em poucas horas, é algo particular, capacidade exclusiva do ser que o busca e na maternagem, pode-se encontrar justificativas para tê-lo (SANTOS, 2016; FRANKL, 2019).

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada nessa pesquisa teve abordagem qualitativa e pode ser classificada como exploratória, posto que tencionou-se compreender melhor o fenômeno aqui tratado a partir da análise de amostra factual (GIL, 2002). A investigação partiu de uma revisão bibliográfica sistemática para a elaboração do referencial teórico, já que foram selecionados materiais mais atualizados sobre o tema e oriundos de esferas do conhecimento para além da Psicologia que abordam assuntos pertinentes à comunidade materna contemporânea e sua interação em ambiente virtual. O uso do método fenomenológico se justifica pela intenção que houve de se analisar expressões sobre o sentido atribuído ao fenômeno da maternagem, a partir de relatos feitos por quem o experiencia, sendo esses considerados produtos da subjetividade de cada mulher e cabíveis de dúvida (OLIVEIRA, 2019; PEREIRA e MEIRELES, 2019; BRAGA e FARINHA, 2017).

A análise documental foi o meio utilizado para o levantamento de dados, já que as informações construídas pela comunidade materna virtualizada, que na contemporaneidade mantém suas relações mediadas pela tecnologia e usa o espaço de *blogs* para fazer comentários públicos sobre suas vivências, foram aqui utilizadas (GIL, 2002).

A seleção dos conteúdos analisados foi feita considerando busca no *site* Google pelos termos “*blogs* de maternidade brasileiros”, considerando aqueles que estão ativos no ano de 2020 e com postagens feitas nos últimos oito anos, que tivessem dois ou mais comentários que expressem conteúdos subjetivos da experiência da mulher com a maternagem, chegando-se a sete. A limitação temporal teve por objetivo agrupar comentários mais atuais, evitando assim considerável desarmonia com o material teórico aqui utilizado. Já a quantidade de comentários por postagem foi pensada para que haja a possibilidade de verificar a existência de interação entre quem comenta.

A análise do discurso fundamentada na teoria de Viktor Frankl sobre a Logoterapia, foi usada para fins de compreensão hermenêutica dos comentários selecionados, em relação à busca de sentido no processo da maternagem, uma vez que o autor discorre sobre o processo de construção de sentido através de algumas atitudes, como o encontro com alguém e no processo desenvolvimento de uma atividade, considerando aqui a relação com o filho, outras mães e o exercício da maternagem (FRANKL, 2019).

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir das pesquisas feitas, chegou-se a sete *blogs* de maternidade brasileiros que cumprissem os critérios desejados. Após a leitura de comentários feitos no tempo estabelecido, eles foram transcritos integralmente tal como estavam disponíveis nos *blogs* e, a fim de garantir

a confidencialidade e conduzir esta pesquisa de maneira ética, as informações utilizadas não tiveram suas autoras identificadas, nem mesmo o *blog* de origem foi apontado, ainda que tais informações sejam de domínio público. Apenas usou-se a inicial do nome de cada leitora, seguida da letra “b”, se referindo ao *blog* e de um número para que seja possível diferenciar a origem do comentário entre os sete *blogs*.

4.1 *BLOGS* DE MATERNIDADE COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO PARA AS MÃES CONTEMPORÂNEAS

A troca de experiências entre as mães que vivenciam situações existenciais semelhantes, através da escrita em ambientes virtuais e o acesso a esses espaços para fins de pesquisa a respeito dos mais diversos assuntos voltados ao universo materno, é um fato na atualidade e é um comportamento cada vez mais comum entre as mães contemporâneas. As necessidades maternas se transformam com o passar do tempo, mas o sentimento de solidão é percebido pelas mães durante a maternidade, já que são consideradas detentoras de todo conhecimento para manter o bem-estar do filho, são descuidadas em diversos casos (PASSOS e ARTEIRO, 2019). Então o *blog* de maternidade é um espaço propício para fomentar o desenvolvimento de novas reflexões e para a exposição de sentimentos e opiniões, como diz esta mãe:

W. b7: “[...] os tempos mudaram, e com certeza as mulheres passam por esse sentimento de solidão. Ainda bem que hoje em dia tem muitas redes de apoio, profissionais que percebem essa necessidade e atendem essa área que realmente precisa de atenção. Amei o post” (SIC).

Ainda que haja troca de informações em seu meio social ou com profissionais de saúde que acompanhem mãe e filho, é possível inferir que em algum momento a mulher que cumpre as tarefas da maternagem se sente sozinha nesse processo, já que se sentem estigmatizadas por não corresponderem ao que é dito sobre a maternagem, assim como identificado por PESCE e LOPES (2020), e necessita buscar amparo social para além daqueles de seu convívio e comumente o encontra em postagens que discorrem sobre a situação em que ela se encontra que, por vezes é desafiante (ZANATTA, PEREIRA e ALVES, 2017). O seguinte relato pode ilustrar tal inferência:

Q. b1: “Sou mãe de um bebê de 3 meses, ele tem refluxo o que já é complicado de administrar. E no momento ele está com o sono muito agitado e quase não dorme, e com isso acaba ficando muito irritado. Às vezes fico sem saber o que fazer.. comentei com a pediatra sobre picos de desenvolvimento e ela não deu muita importância. Fiquei feliz em encontrar tantos relatos sobre o assunto, me ajudando a lidar com essa fase do meu bebê.” (SIC).

Bocchi (2017) identifica o “*post* como lugar de inscrição subjetiva” e assim como em suas pesquisas, as postagens nos *blogs* de maternidade além de serem fonte de informação, parecem despertar reflexões nas mães que partilham através dos comentários, situações particulares experimentadas com seus filhos. Dentre os mais diversos sentimentos expostos nos comentários, aqueles vivenciados a partir da leitura do *post* são constantemente encontrados, como nos trechos abaixo:

B. b1: “[...] Fico muuuito aliviada e eternamente grata pela seu post [...]” (SIC).

K. b1: “Nossa muito bom seu post, estava precisando saber disso, pois sou mãe de primeira viagem e o meu bebê esta passando por isso, nós pais pensando que era tolice querendo colo, ajudou muito agora, obrigada.” (SIC).

M. b1: “[...] Poxa, que delícia de texto! Fiquei muito emocionada!!! Sou mamãe do príncipe Eduardo de apenas 6 meses. Me identifiquei com cada linha que você escreveu! Muito bom saber que não estamos só nessa aventura que é a maternidade. [...]” (SIC).

V. b3: “Lindo seu relato! Muito confortante, principalmente para pessoas como eu que está vivendo essa fase tão difícil!” (SIC).

Percebe-se que os comentários indicam que houve alguma mudança de sentido para as mães, além de serem frequentes os comentários em que sentimentos de gratidão pela possibilidade de ter acesso a relatos da autora do *blog* são apresentados:

G. b1: “Excelente texto [...]. Impossível não se identificar em cada linha do que você escreveu [...]” (SIC).

A. b1: “Era tudo o que eu precisava ler, você conseguiu descrever tudo pelo que estou passando agora e sentindo!! [...]” (SIC).

P. b4: “Sabe que esses relatos nos ajudam! Agente percebe que bebês são todos iguais, salvo algumas excessões e que estamos no caminho certo [...]” (SIC).

H. b4: “Me identifiquei totalmente. Quando via uma mãe perder a paciência com um bebê achava que era uma louca, mas hoje eu sou louca também..kkkk... Minha filha tem 6 meses e me tira do sério e sei que muita gente vai dizer não, mas ela sabe que o que está fazendo. Tem vezes que saio e deixo ela sozinha ou com pai, coloco a cabeça no lugar e volto [...]” (SIC).

Com isso, verifica-se que esse é um espaço que contribui para que mudanças aconteçam na vida de quem acessa o *blog*, em razão de ser um lugar aberto à interação, novas maneiras de perceber as coisas podem emergir diante da comunicação entre as envolvidas, além de sentimentos de conforto e alívio (SCHNEIDER, 2018). É plausível pensar que as mães se reconheçam a partir da leitura do que é descrito na postagem e essa identificação é constantemente apresentada e seguida do relato de uma situação pessoal semelhante, contribuindo para a discussão sobre o tema levantado na postagem e até mesmo, para a reflexão sobre comportamentos adotados em sua experiência com a maternagem.

A. b1: “Fico muito feliz que você gostou do Post e mais feliz ainda que de alguma forma ele lhe ajudou! [...] Mas, tudo passa e melhora! Volte sempre aqui no *Blog* nos visitar e compartilhar as suas experiências, elas são valiosas para nós” (SIC).

Por fim, observa-se que o diálogo entre as leitoras é um comportamento importante e incentivado pela autora de um *blog*. Através da resposta em um comentário de uma leitora, ela evidencia e confirma o que Passos e Arteiro (2019) dizem sobre a contribuição da participação das mães no ambiente virtual, que resulta em novas elaborações feitas por elas e uma rede de apoio virtual pode ser formada, o que tem potencial de minimizar sentimentos de solidão, esclarecer dúvidas, fomentar a mudança de atitudes e despertar sensações de identificação e amparo por exemplo, com base em novos sentidos.

4.2 A MATERNAGEM IDEALIZADA *VERSUS* A REALIDADE

É cada vez mais comum que as mães contemporâneas questionem os comportamentos referentes ao ato de cuidar dos filhos – a maternagem. O acesso a mais informação e de múltiplas origens, favorece essa conduta que tem o conteúdo criado pela comunidade materna virtual como elemento fortemente presente na disseminação de novos sentidos para o fazer, já que é uma elaboração formada por diversas variáveis (SCHWARZ e PRETTO, 2018; FONSECA, 2017).

Assim como observado por Miranda, Silva e Shitsuka (2019), a maternagem ainda é relacionada a momentos de sofrimento e culpa, produtos de cobranças culturais (SCHULTE *et al.*, 2019). Os *blogs* de maternidade, parecem ser espaços seguros para que histórias sejam compartilhadas entre as mães:

C. b6: “Muito bacana seu *post*, [...] Somos movidas a culpa...sim, queremos fazer o melhor [...]” (SIC).

C. b6: “[...] Nos cobramos muito por sermos as melhores mães e sempre achamos que podemos fazer melhor [...]” (SIC).

E. b6: “Detesto ser mãe estou enlouquecendo de tanto cansaço e nervoso ser mãe é padecer no paraíso bom até agora não vi paraíso....” (SIC).

I. b2: “[...] Maternidade é um dom, mas existe seu lado ruim sim [...]” (SIC).

P. b6: “[...] Me sinto culpada e acabo nao sabendo como posso mudar essa situacao que me deixa triste.” (SIC).

As falas acima são carregadas de elementos socialmente construídos sobre o modo de ser mãe, em forma de grande valorização da atitude materna de se expor às situações exaustivas que em nossa cultura, opera sob forma de exigências e concepções que são internalizadas e tidas como normais nesse processo. Como percebido nas falas anteriores, pode-se concluir que a culpa é um sentimento perturbador da relação dessas mães com a maternagem e se origina da

concepção cultural das atribuições de uma mãe e hoje, o que precisa ser tratado como um modo de sofrimento, que é também, solitário (LAUXEN e QUADRADO, 2018).

Para Resende (2017), ainda que muitas mães reproduzam o que aprenderam ao longo da vida, é possível pensar que algumas conseguem problematizar e refletir a respeito de sua maternagem, já que todo sujeito tem liberdade de vontade para escolher (SANTOS, 2016), na maternagem podem decidir como fazer o que conseguem em sua realidade e a troca que o *blog* proporciona, pode ser um meio para que novos sentidos sejam atribuídos, de acordo com os relatos dessas mães:

A. b1: “Muuuuuito obrigada!!! Eu já estava me sentindo a pior das mães [...] As noites tem sido difíceis e dormir só no colo. Minha paciência já indo pelo ralo e eu chorando muuuuito por isso! Daí achei esse *post* e Bingo! [...] Vivendo e aprendendo, né?! Ng nasce sabendo e muito menos ng nasce sabendo ser mãe! [...]” (SIC).

A. b2: “Lendo agora seu *post*, fiquei imaginando meu caso, nossa falou tudo! as vezes tento compara a minha gravidez (10 semanas) com outras pessoas, valeu a dica!” (SIC).

G. b1: “[...] Acredito que nao exista nada maior que transforme uma mulher que a chegada de um bebezinho. É uma constante transformação, hehe” (SIC).

Como identificado no comentário de G, a maternidade é um momento de complexos acontecimentos na vida da mulher, mas por ser concebida como natural, condições e afetos contrários ao idealizado ainda são ocultos quando o assunto é tratado (SCHNEIDER, 2018). Assim como dito por A, Lima e Vicente, (2016) colocam que é preciso aprender a ser mãe, uma vez que não é inerente à mulher, isso pode acontecer baseado no compartilhamento de experiências em *blogs* de maternidade.

Para Arteiro (2017), as mães demonstram afetos paradoxais no processo da maternagem, além daqueles esperados e socialmente aceitos, diversas situações são desconhecidas ou mesmo negadas por muitos. Relatos encontrados, confirmam tal confronto emocional vivenciado pelas mães e é possível considerar que são feitos em ambientes virtuais, tal qual *blogs* de maternidade, pela possibilidade de acolhimento entre as mães, como nos seguintes comentários:

P. b1: “[...] obrigada por ter escrito esse texto, estava agora em meu quarto deitada em minha cama chorando por amar tanto a minha filha e por está cansada e perdida, não é nada legal me olhar no espelho há 5 meses.” (SIC).

E. b5: “[...] na maternidade temos que viver um dia de cada vez, seguir nossa intuição, temos dias difíceis mas eles passam e somos recompensados com os abraços, beijos e carinhos mais sinceros” (SIC).

Pode-se acreditar que a interação que acontece nos *blogs* de maternidade, seja a respeito de situações mais próximas da realidade, já que a autora é quem escreve o *post*, baseando-se

em sua experiência. Isso pode afetar outras mães que se identificam e então se manifestam de maneiras variadas, a partir de sua vivência e denunciando atitudes distintas a essa, tal qual pode ser visto por meio dos relatos a seguir:

I. b2: O problema [...], é que existem mulheres que querem os partos da novela, da revista de celebridades, da atriz que está em forma 2 dias depois de dar a luz. E algumas revisas femininas divulgam que a atriz [...] está deslumbrante, que perdeu todos os quilos da gravidez [...] Me dá muita raiva. [...] Passam uma perfeição que não existe, pelo menos não no mundo real né.” (SIC).

P. b2: “ExataMente! Vendem uma coisa que não existe! E tem gente que “compra”essa ficção toda e se frustra!!!” (SIC).

Schneider (2018) diz que os comentários feitos promovem a interação das leitoras, de maneira que elaborações são construídas a partir da exposição de situações pessoais e então, novos significados podem ser atribuídos às mais diversas concepções, o que consiste em algo transformador para aquelas que se identificam com o *post*. Esses comentários das mães leitoras dos *blogs* de maternidade, denotam que a mãe contemporânea se interessa cada vez por estar em contato com histórias semelhantes e reais, em que o processo da maternagem é, também, um período conflituoso, como denota os comentários:

M. b4: “Adorei esse relato de Maternidade Real, sem mimimi e com muita coragem para encarar todas as mudanças que acontecem.. [...]” (SIC).

T. b5: “Muito obrigada por compartilhar tua experiência! É disso que precisamos: relatos sinceros. Informação nunca é demais” (SIC).

Com isso, assim como Passos e Arteiro (2019) perceberam em suas análises, a partir do compartilhamento de afetos reais em situações vivenciadas pelas autoras de *blogs* de maternidade, mães leitoras fazem o mesmo nos comentários, interagem entre si e com a autora do *blog*. É possível supor que como consequência das influências virtuais, as mães reflitam elaborando sobre sua experiência na maternagem e tornem seu processo mais autêntico (ARTEIRO, 2017).

4.3 O SENTIDO DA MATERNAGEM NO COMPARTILHAR DE IDEIAS

O fenômeno da maternagem é algo único, por isso, essencial de ser significado por quem o vivencia. Em relação à mãe, transformações para além daquelas habitualmente percebidas acontecem nesse processo e em *blogs* de maternidade, tais manifestações são compartilhadas e discutidas pelas mães contemporâneas (ZANATTA, PEREIRA e ALVES, 2017).

B. b1: “[...] eu acordava cansada e acabei perdendo peso. [...] Agora é ter mais paciência e ajudá-lo no que for preciso” (SIC).

C. b4: “[...] eu ficou louquinha sem saber o que fazer. [...] Eu estou completamente desesperada... A gente se sente um lixo sem saber o que fazer pra amenizar o sofrimento deles” (SIC).

A. b4: ““Eu quero sempre ser forte, não com a Chloe, mas comigo.” é exatamente isso! Ser mãe é um morrer cada dia – e sim eu super achava isso exagero, mas não podemos ser nem um pouco imaturas.” (SIC).

Pode-se verificar falas carregadas de afetos que denotam sensações indesejadas sobre o ser mãe, tal qual verificado por Schulte, Gallo-Belluzzo e Aiello-Vaisberg (2019) em suas pesquisas. A potencialidade do ser de superar situações desafiadoras é fortemente evidenciada pela expressão usada no comentário de A que exemplifica a possibilidade da liberdade de vontade, em que a mãe pode decidir qual atitude ter diante da maternagem e como ela é concebida, nesse caso, é cabível o entendimento de uma constante escolha de recomeçar (FRANKL, 2019). É possível dizer que B e C relatam o que muitas mães vivenciam nesse processo, uma vez que é comum se dedicarem aos cuidados com o filho de maneira a tê-lo como causa para tal entrega, realizando assim, o autotranscedência.

M. b6: “Meu Deus nem sei a ultima vez que entrei em um sala, ou academia. Tenho dois filhos um de 8 e outro de 4. Meu tempo e todo deles. E mesmo assim não consigo por limites fico tao exausta que esqueço de mim. Vou pensar nisso afinal sou a coluna principal da familia.” (SIC).

F. b6: “[...] Só de pensar em fazer algo só para mim já me bate a culpa. Deixa-los sozinhos e assistir TV sozinha ou deitar para ler um livro me faz sentir a pessoa mais egoísta do mundo! Trabalho 10 horas por dia e ao chegar em casa tenho tanta saudades e tanta necessidade de estar por perto que um programinha só meu ou só com meu marido para mim é impensável!!! Será que um dia me livro da culpa???” (SIC).

O valor de criação é identificado nas falas acima, já que o empenho dessas mães na maternagem ilustram o que se observa na contemporaneidade, quando as mães se dividem em várias tarefas. É possível sugerir que a busca pelo sentido da vida, outro pilar frankliano, na relação entre mãe e filho, acontece nesse multiplicar-se. O pensamento de se ter um sentido para aquilo que se faz é presente em nossas reflexões (LIMA *et al.*, 2020; SANTOS, 2016; FRANKL, 2019). Na maternagem, diversas investidas são feitas, a fim de conquistar o ideal – cobrança interna, aprendida ao longo da vida - e a interação com os comentários pode promover as elaborações de possibilidades de sentido.

F. b4: “[...] Da mais trabalho criar filho com senso crítico do que obediente? Sim! Mto mais! Mas o resultado será, com certeza, um ser humano melhor, capaz de fazer a diferença no mundo. Como diria Steiner, não existe educação e sim auto-educação. Todos os comportamentos deles, nos refletem de alguma maneira. Se queremos mudar neles, mudamos primeiro em nós! [...]” (SIC).

A efetivação da autotranscedência na maternagem é notória em muitos relatos, já que as mães contam sobre atitudes que podem ser entendidas como o “pra quê” de seus

comportamentos, elas têm vontade de sentido, tal qual dito por F a respeito de ser capaz de se transformar para educar o filho, com objetivo dele fazer a diferença no mundo, postura que remete a uma atribuição de sentido naquilo que se faz com e para o filho. Isso é possível, já que podemos praticar o autodistanciamento e nos reinventar (LIMA *et al.*, 2020; SANTOS, 2016; FRANKL, 2019).

P. b1: “[...] Me sinto no momento feliz e frustrada, satisfeita e inquieta, sortuda e perdida” (SIC).

P. b4: “[...] Vou tentando controlar entre distrair, não fazer a vontade dela na hora e tbm não deixar chorar muito... Agente se torna meio que equilibrista.: [...]” (SIC).

D. b6: “[...] não sei mais como agir... está difícil esta vida de mãe e pai de primeira viagem” (SIC).

Provavelmente é assim que as mães se sentem: em conflito com os sentimentos referentes à maternagem, já que Pesce e Lopes (2020) e Zanatta, Pereira e Alves (2017) também identificaram dualidades no modo em que as mães se percebem nesse momento. Por sermos considerados seres noéticos para Frankl (2019), diante de um momento em que afetos paradoxais se apresentam na maternagem, a mãe é a única responsável por saber como se portar e essa responsabilidade diz da liberdade de vontade, uma vez que somos seres lançados ao mundo, estamos sujeitos a isso e nossa atitude frente ao que não podemos mudar, é o que importa (FEIJOO, 2013). Ainda que haja conflito, é algo único e sendo assim, para que o sofrimento seja superado, é importante que a mãe signifique o momento e continue lembrando de sua intenção para fazer aquilo que se propõe (LIMA *et al.*, 2020; SANTOS, 2016), como se observa:

T. b7: “A gente se desdobra em 5 para dar conta, mas dá uma sensação muito boa ver que conseguimos!” (SIC).

M. b7: “É ser mãe não é uma tarefa fácil, mas é gratificante demais” (SIC).

Os comentários acima permitem interpretar sobre o valor de vivência, já que a partir daquilo a mãe recebe no contato entre ela e o filho, há contemplação da companhia de ambos (Frankl, 2019). E como consequência do contato com o relato de mães como T e M, bem como as informações publicadas nos *blogs* de maternidade, pode-se acreditar que sirvam de semente para que novos significados sejam atribuídos a momentos conflituosos, vividos ao longo do processo de maternagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise dos comentários selecionados, foi possível compreender que a cobrança sobre o ser mãe resulta em intenso sofrimento para muitas mulheres na contemporaneidade que

encontram em *blogs* de maternidade mães com questões semelhantes, que compartilham os sentimentos advindos da complexidade do processo da maternagem, colaborando assim, para a elaboração de sentidos para esse momento. Assim como considerado de início, percebeu-se que, ao passo que ocorre a interação entre as mães, possibilidades ainda não reconhecidas podem ser consideradas pelas mães. Ou seja, os comentários analisados se relacionam à busca de sentido, uma vez que a troca de experiências viabiliza que a situação conflituosa, relatada e vivenciada pelas mães, seja percebida de maneiras diferentes.

Ainda que limitada a sete *websites*, com a identificação dos comentários que expressam diversos aspectos conflituosos sobre a maternagem, esta pesquisa apontou o espaço virtual como uma nova maneira de se relacionar na contemporaneidade e onde novos sentidos são construídos através das interações entre as mães. Com isso, entende-se que é fundamental para o profissional da Psicologia, compreender essa nova maneira de se discutir, refletir e elaborar significados, para que seja possível ampliar o debate social acerca da concepção do ser mãe. Entende-se como fundamental o olhar logoterapêutico sobre os modos de se exercer a liberdade – no caso, na maternagem – e voltado para as relações mantidas atualmente, em que o sentido existencial tem sido cada vez menos elaborado, principalmente em momentos desafiadores.

Propõe-se que as interações maternas *online* continuem sendo analisadas, já que há cada vez mais participação das pessoas nas diversas redes sociais criadas no meio virtual. Foi percebido que o anonimato do comentário feito em um *blog*, como no caso, realmente contribui para a exposição de histórias que se aproximem mais do real. A Logoterapia aplicada no contexto contemporâneo, pode ser um modo eficaz de se compreender e auxiliar no desenvolvimento de sentidos mais adequados, por reconhecer a importância de se identificar uma motivação em momentos de conflitos. Recomenda-se que o assunto seja tratado pelas diferentes concepções de mundo da Psicologia, entendendo que podem auxiliar na ampliação da concepção sobre o ser mãe.

REFERÊNCIAS

ARTEIRO, I. L. A mulher e a maternidade: um exercício de reinvenção. Universidade Católica de Pernambuco. Tese (doutorado). Recife, 2017. Disponível em: <<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/973>>.

BOCCHI, A. F. A. Efeitos de maternidade no *post*: movimentos de sentido entre estabilização e resistência. *Diálogo das Letras*, v. 06, n. 02, p. 119-138, Pau dos Ferros, jul. 2017. DOI: <https://doi.org/10.22297/dl.v6i2.2681>. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/2681>>.

BRAGA, R. C.; MIRANDA, L. H. A.; CORREIO, J. P. C. V. Para além da maternidade: as configurações do desejo na mulher contemporânea. *Pretextos, Dossiê - Temas em Terapia Cognitivo-Comportamental*, v. 3, n. 6, p. 523-540, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15994>>. Acesso em abril 2020.

BRAGA, T. B. M.; FARINHA, M. G. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 28, n. 1, p. 65-73, Goiânia, abr. 2017. DOI: 10.18065/RAG.2017v23n1.7. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357750480008>>.

COLARES, S. C. S.; MARTINS, R. P. M. Maternidade: uma construção social além do desejo. *Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde*, v. 6, n. 1, p. 42-47, Três Corações, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/iniciacaocientifica/article/view/2654/2290>>. Acesso em maio 2020.

ESTRELA, M. J.; MACHADO, M. S.; CASTRO, A. O “ser mãe”: representações sociais do papel materno de gestantes e puérperas. *Revista multidisciplinar em Psicologia*, v. 12, n. 42, p. 569-578, 2018. DOI: <https://doi.org/10.14295/idonline.v12i42.1450>. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1450>>.

FEIJOO, A. M. L. C. O homem em crise e a psicoterapia fenomenológico-existencial. *Fenomenologia e Psicologia*, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/fenomenolpsicol/article/view/1345>>. Acesso em maio 2020.

FONSECA, F. L. S. A constituição do mundo e de si-próprio no enlace existencial mãe-bebê. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 23, n. 3, p. 326-333, set/dez, 2017. DOI: 10.18065/rag.2017v23n3.7. Disponível: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6229780>>.

FONSECA, M. N. A; ROCHA, T. S.; CHERER, E. Q.; CHATELARD, D. S. Ambivalências do ser mãe: um estudo de caso em psicologia hospitalar. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 9, n. 2, p. 141-155, Londrina, ago. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2018v9n2p141>. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/26609>>.

FRANKL, V. E. Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração. Editora Vozes, 47. ed., São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis, 2019.

FRIZZO, H. C. F.; BOUSSO, R. S.; ICHIKAWA, C. R. F.; SÁ, N. N. Mães enlutadas: criação de *blogs* temáticos sobre a perda de um filho. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 30, n. 2, p. 116-121, São Paulo, mar./abr. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201700019>. Disponível em: <<https://acta-ape.org/article/maes-enlutadas-criacao-de-blogs-tematicos-sobre-a-perda-de-um-filho/>>.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. Editora Atlas, 4ª edição, São Paulo, 2002.

LANZETTA, R. C.; BITTENCOURT, M. I. G. R. F. Apoios comprados: formas contemporâneas de suporte à maternagem. *Polêmica*, v. 16, n. 1, p. 1 – 13, fevereiro, 2016. DOI: <https://doi.org/10.12957/polemica.2016.21339>. Disponível: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/21339/15425>>. Acesso em: mar. 2020.

LAUXEN, J.; QUADRADO, R. P. Maternidade sem romantismos: alguns olhares sobre as maternidades e os sujeitos-mãe na contemporaneidade. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 4, fev. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.23899/relacult.v4i0.775>. Disponível em: <<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/775>>.

LIMA, A. L. G.; VICENTE, B. C. Os conhecimentos sobre a maternidade e a experiência da maternidade: uma análise de discursos. *Estilos da Clínica*, v. 21, n. 1, p. 96-113, abr. 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v21i1p96-113>. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/117777>>.

LIMA, L. A.; FIRMINO, F. F.; PEREIRA, L. A. LEMOS, P. M. Considerações sobre a logoterapia e a análise existencial como leituras do funcionamento do psíquico: uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n 3, p 14162-14174, Curitiba, mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n3-329>. Disponível em: <<http://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/7927>>.

MACHADO, A. C.; SILVA, C. C.; MELO, S. L. M.; SILVA, A. M. B. Transformações da identidade feminina ao tornar-se mãe. *Psicologia Argumento*, v. 38, n. 99, p. 66-87, abr. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.38.99.AO04>. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/26013>>.

MACHADO, J. S. A.; PENNA, C. M. M.; CALEIRO, R. C. L. Cinderela de sapatinho quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres. *Saúde Debate*, v. 43, n. 123, p. 1120-1131, Rio de Janeiro, out. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201912311>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttextpid=S0103-11042019000401120eIngl=enenrm=iso>. Acesso em: mai. 2020.

MIRANDA, C. R.; SILVA, P. C. D.; SHITSUKA, R. Representações em torno da maternidade: do elogio à crítica social. *Research, Society and Development*, v. 8, n. 10, 2019. DOI: [10.33448/rsd-v8i10.1307](https://doi.org/10.33448/rsd-v8i10.1307). Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7164616>>.

OLIVEIRA, G.S. *Epoché* e Metanoia como pressupostos elementares para o pesquisador científico. *Saber humano: Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti*, n. 4, v. 4, p. 89-96, abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.18815/sh.2019v0n4.375>. Disponível em: <<https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/375>>.

OLIVEIRA, M. A. C.; MARQUES, S. S. Contribuições para uma reconstrução crítica da gramática moderna da maternidade. *Revista Estudos femininos*, v. 28, n.1, Florianópolis, mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n168037>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ref/v28n1/1806-9584-ref-28-01-e68037.pdf>>.

PASSOS, M. C; ARTEIRO, I. L. Escrever e inscrever a maternidade por meio dos *blogs*. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 10, n. 3, p. 85-100, Londrina, dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2019v10n3suplp85>. Disponível em:<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/36881>>.

PEREIRA, J. G. T.; MEIRELLES, R. L. P. Fenomenologia husserliana: o projeto fenomenológico. *CES revista*, v. 33, n. 1, p. 190 -208, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <<https://seer.cesjf.br/index.php/cesRevista/article/view/2109> >. Acesso em: mar. 2020.

PESCE, L. R.; LOPES, R. C. S. O Lado B da Maternidade: Um Estudo Qualitativo a partir de *blogs*. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 20, n. 1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2020.50825>. Disponível: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/50825>>.

QUINTEIRO, J. R. A. Família, trabalho e religião: a construção do imaginário como inspiração para a realização profissional sob a influência da mulher-mãe. *Emancipação*, v. 19, n. 2, Ponta Grossa, 2019. DOI: 10.5212/Emancipacao.v.19i2.0009. Disponível em: <<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/13597>>.

RESENDE, D. K. Maternidade: uma construção histórica e social. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, v. 2, n. 4, p. 175-191, jul./ dez. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15251>>. Acesso em maio 2020.

SANTOS, D. M. B. Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 68, n. 2, p. 128-142, Rio de Janeiro, 2016. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n3-329>. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229048487011>>.

SCHNEIDER, R. Narrativas da maternidade no YouTube. *Revista Temática*, v.14, n. 12, dezembro, p. 205-220, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8931.2018v14n12.43548>. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/43548>>.

SCHULTE, A. A.; GALLO-BELLUZZO, S. R.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. A experiência emocional de autoras de *mommy blogs*. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 10, n. 1, p. 107-130, Londrina, abr. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2019v10n1p107>. Disponível em:<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/28822> >.

SCHWARZ, D. T.; PRETTO, B. Um olhar da Psicologia para as relações da maternagem: Ser filha para poder ser mãe. *Revista Destaques Acadêmicos*, v. 10, n. 3, nov. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.22410/issn.2176-3070.v10i3a2018.1939>. Disponível em: <<http://univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/1939>>.

SILVA, M. A.; PEREIRA, M. M. O.; ANTUNES, L. G. R.; SILVA, F. D.; CASTELARI, M. C. F. Conciliando maternidade e carreira profissional: percepções de professoras do Ensino

Superior. Revista Vianna Sapiens, v. 10, n. 2, Juiz de Fora, jul. 2019. DOI: <https://doi.org/10.31994/rvs.v10i2.586>. Disponível em: <<http://viannasapiens.com.br/revista/article/view/586>>.

VISINTIN, C. D. N.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Maternidade e sofrimento social em *mommy blogs* brasileiros. Psicologia teoria e prática, v. 19, n. 2, p. 98-107, São Paulo, ago. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v19n2p98-107>. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v19n2/v19n2a05.pdf>>.

ZANATTA, E.; PEREIRA, C. R. R.; ALVES, A. P. A experiência da maternidade pela primeira vez: as mudanças vivenciadas no tornar-se mãe. Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 12, n. 3, São João del Rei, set./dez. 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/2646>. Acesso em maio 2020.